



ESPAÇOS DE VIOLENCIA E O SONHO DA INTIMIDADE: UMA LEITURA DE BARBA DE ARAME SOB A LUZ DA POÉTICA DO ESPAÇO DE BACHELARD

*SPACES OF VIOLENCE AND THE DREAM OF INTIMACY: A READING OF
BARBA DE ARAME IN THE LIGHT OF BACHELARD'S POETICS OF SPACE*

*SPACIOS DE VIOLENCIA Y EL SUEÑO DE LA INTIMIDAD: UNA LECTURA
DE BARBA DE ARAME A LA LUZ DE LA POÉTICA DEL ESPACIO DE
BACHELARD*

Júlio Flávio Vanderlan Ferreira¹

Resumo

Este artigo analisa o conto "Barba de Arame", de Antônio Carlos Viana, à luz da obra *A Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard, e de outros teóricos como Sigmund Freud, Sonia Peixoto, Maria Zilda Ferreira e Michel de Certeau. O objetivo é compreender como a espacialidade funciona como elemento estruturante da narrativa, não apenas como cenário, mas como expressão das marcas simbólicas do corpo, da violência e da exclusão social. A análise parte da leitura crítica do conto, destacando sua economia de linguagem e sua representação da infância marginalizada, e articula essas observações com conceitos como o abrigo, a casa, o espaço praticado e o corpo como território simbólico. Através desse diálogo, revela-se como a literatura de Viana convoca o leitor a testemunhar formas silenciosas de sofrimento e resistência, fazendo do espaço uma categoria estética, ética e política.

Palavras-chave: espaço; infância; violência; poética; exclusão.

Abstract

This article analyzes the short story "Barba de Arame" (Wire Beard) by Antônio Carlos Viana in light of Gaston Bachelard's The Poetics of Space and other theorists such as Michel de Certeau, Sigmund Freud, Sonia Peixoto, and Maria Zilda Ferreira. The objective is to understand how spatiality functions as a structuring element of the narrative, not only as a setting, but also as an expression of the symbolic marks of the body, violence, and social exclusion. The analysis begins with a critical

¹ Doutorando em Letras. Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2913-1058>, e-mail: julioflavio.04@gmail.com.



reading of the short story, highlighting its economy of language and its representation of marginalized childhood, and articulates these observations with concepts such as shelter, home, practiced space, and the body as symbolic territory. Through this dialogue, it reveals how Viana's literature calls the reader to witness silent forms of suffering and resistance, transforming space into an aesthetic, ethical, and political category.

Keywords: space; childhood; violence; poetics; exclusion.

Resumen

Este artículo analiza el cuento «Barba de Arame» de Antônio Carlos Viana, a la luz de la obra de Gaston Bachelard, La poética del espacio, y de otros teóricos como Michel de Certeau, Sigmund Freud, Sonia Peixoto y Maria Zilda Ferreira. El objetivo es comprender cómo la espacialidad funciona como elemento estructurador de la narrativa, no solo como escenario, sino también como expresión de las marcas simbólicas del cuerpo, la violencia y la exclusión social. El análisis comienza con una lectura crítica del cuento, destacando su economía lingüística y su representación de la infancia marginada, y articula estas observaciones con conceptos como refugio, hogar, espacio practicado y el cuerpo como territorio simbólico. A través de este diálogo, se revela cómo la literatura de Viana invita al lector a presenciar formas silenciosas de sufrimiento y resistencia, convirtiendo el espacio en una categoría estética, ética y política.

Palabras-clave: espacio; infancia; violencia; poética; exclusión.

Introdução

O espaço é mais do que um simples cenário nas narrativas literárias: ele pode constituir-se como elemento fundamental da estrutura simbólica das personagens e das tramas. Na obra *A Poética do Espaço* (1957), Gaston Bachelard propõe uma abordagem fenomenológica que comprehende o espaço íntimo, especialmente o da casa, como lugar de acolhimento da memória, do sonho e da subjetividade. No entanto, quando esse espaço é negado, distorcido ou violado, o sujeito se vê forçado a construir outras formas simbólicas de habitação – inclusive no próprio corpo. O presente artigo propõe uma leitura do conto “Barba de Arame”, de Antônio Carlos



Viana, a partir dessas considerações, procurando entender como a ausência de um espaço digno atua como fator estruturante da experiência da personagem Luana.

Além da contribuição de Bachelard, a análise se apoia em outros referenciais teóricos: Michel de Certeau, com sua distinção entre lugar e espaço; Sonia Peixoto, que discute o corpo infantil como espaço de inscrição da violência social; Maria Zilda Ferreira, que analisa a economia narrativa na obra de Viana; e Sigmund Freud, cuja noção de formação reativa ajuda a compreender os mecanismos de subjetivação frente ao trauma. O estudo busca revelar como a espacialidade no conto não apenas reforça a condição de exclusão social da personagem, mas também oferece pistas para a leitura de suas formas precárias de resistência no conto do escritor sergipano que foi publicado na obra *aberto está o inferno*.

Antônio Carlos Viana (1944–2016), sergipano de Aracaju, é um dos grandes mestres do conto brasileiro contemporâneo. Professor, crítico e escritor, sua obra se caracteriza por uma prosa contida, delicada e profundamente humana. Seu trabalho é marcado pela atenção ao detalhe cotidiano, à linguagem econômica e à escuta das vozes populares. Publicou livros como *Omeio do Mundo e outros contos* (1999), *Aberto está o inferno* (2004), *Jeito de matar lagartas* (2015). Segundo Carlos Henrique Schroeder (2011, p. 8), “Viana domina como poucos o silêncio. Seus contos falam mais pelo que não dizem”. Essa contenção narrativa é particularmente eficaz para representar realidades violentas sem recorrer ao melodrama. A infância, o corpo, a fala popular e a condição marginalizada estão entre os temas recorrentes de sua obra.

O conto “Barba de Arame” foi publicado em 2004 na obra *Abeto está o inferno* e compõe uma coletânea que busca captar a experiência de sujeitos



visibilizados diante de uma perspectiva mínima de condições de sobrevivência com dignidade. A narrativa conta a história de uma garota pobre que vive em um mangue com a mãe. Ela sonha em ter uma latrina, algo que simboliza a dignidade mínima. Um homem branco, loiro, de olhos azuis, aparece no mangue e promete construir o banheiro. Ele conquista a confiança de Luana, leva-a para uma casa abandonada e a violenta. Mesmo depois do abuso, a menina continua a rezar por ele, acreditando em sua promessa. A densidade do conto reside na sua economia de palavras e na sugestão constante de sentidos. A violência não é narrada de forma explícita, mas sugerida através de gestos, falas e silêncios. Maria Zilda Ferreira (2005, p. 93) observa: “a crueldade maior do conto reside na pureza da menina e na falha de todos os adultos que a cercam”. Viana constrói uma narrativa em que espaço, corpo e linguagem se entrelaçam para denunciar silenciosamente a violência estrutural contra as infâncias periféricas.

O mangue e o corpo: entre o não-lugar e a ferida

O mangue, espaço onde a protagonista vive, é descrito como sujo, fétido, úmido – território que mistura vida humana e animal, onde não há distinção clara entre interior e exterior. Ela vive ali com a mãe, ambas privadas de qualquer separação entre o público e o privado. Bachelard, ao tratar da casa como “um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos” (1993, p. 202), enfatiza o papel do espaço para a formação subjetiva. O mangue, por sua vez, representa o extremo oposto: um não-lugar, sem memória, sem proteção, sem interioridade.

Neste contexto, o corpo da menina torna-se o último espaço possível de habitação – e é justamente esse corpo que será violado. O homem entra



não apenas na “casa abandonada”, mas também no corpo de Luana, que, sem compreender o abuso, associa o agressor à figura divina. O corpo, então, torna-se símbolo de uma casa invadida, espaço íntimo violado, conforme alerta Bachelard: “o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo” (1993, p. 201). Em “Barba de Arame”, esses limites são transgredidos de maneira radical, deixando apenas ruína e silêncio. Diante disso, a única possibilidade de abrigo simbólico encontra-se no devaneio religioso. A menina ora para aquele que a violou, chamando-o de “Jesus-Deus”. Para Bachelard, “a casa protege o sonhador”, mas aqui, sem casa, Luana projeta o sonhador para fora de si – no imaginário, na fé, no desejo de redenção. Trata-se de uma tentativa desesperada de reconstruir a intimidade a partir da fantasia. O sonho substitui o espaço. A latrina sonhada: a ausência de um abrigo mínimo logo no início do conto, é apresentado o desejo central da narradora-personagem: ter uma latrina. A carência material é tão extrema que a ausência de um simples sanitário simboliza não apenas a precariedade das condições de vida, mas a ausência de um espaço de recolhimento mínimo, de intimidade, de dignidade. O que para muitos é um item corriqueiro, para Luana é o sinal de um mundo possível onde ela possa existir com menos exposição. A latrina, portanto, torna-se metáfora da casa primordial descrita por Bachelard como lugar de “intimidade protegida”. O filósofo francês afirma que “a casa é nosso canto do mundo. [...] A casa abriga o devaneio, protege o sonhador, permite sonhar em paz” (Bachelard, 1993, p. 200). Luana, ao desejar a latrina, deseja poder sonhar; deseja, como Bachelard propõe, habitar o mundo não apenas com o corpo, mas com a alma. No entanto, o espaço que ela ocupa é hostil ao devaneio.

O contraste entre o desejo e a realidade impõe evidencia o deslocamento da personagem em relação à morada simbólica. Em vez de estar “no berço da casa” (Bachelard, 1993, p. 202), Luana vive em um espaço



aberto, sujo e público, onde defeca ao ar livre, diante de animais. Trata-se de uma existência desprovida de qualquer espaço de interioridade.

A casa abandonada: o abrigo corrompido

A chegada do homem de olhos azuis, que o narrador-personagem associa ao “Jesus-Deus”, representa inicialmente a promessa da realização do sonho. Ele se oferece para construir a latrina, tornando-se para a menina uma figura messiânica. No entanto, rapidamente essa promessa é revertida em violência. O homem a leva para uma “casa abandonada” – espaço que, em lugar de acolher, viola. Bachelard propõe que a casa é “um verdadeiro princípio de integração psicológica”, sendo responsável por proteger e organizar a memória, a imaginação e o devaneio (1993, p. 197). Contudo, a casa onde Luana é abusada não possui telhado, paredes firmes nem móveis – é o oposto da casa ontológica bachelardiana. Em vez de guardar, expõe; em vez de abrigar, violenta.

No universo de Bachelard, a imagem da casa possui um valor quase sagrado, pois “vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (Bachelard, 1993, p. 201). No conto, essa casa degradada funciona como uma antítese poética: é a desconstrução do espaço íntimo, uma paródia da morada que não permite refúgio nem subjetivação. É nesse lugar que o corpo da protagonista se torna também espaço de dominação.

Para Certeau, práticas de atividades cotidianas, aparentemente triviais, podem determinar a condição social de viver com o mínimo de dignidade. No caso da protagonista do conto, a análise desse lugar de repressão do seu corpo desvalido nos fez pensar como as formas de opressão



podem aparecer no ambiente que deveria servir de abrigo, proteção. Para o teórico francês:

As práticas cotidianas – , habitar, caminhar, comer, entre outras – são 'maneiras de fazer' pelas quais os sujeitos reappropriam espaços e discursos instituídos, inventando táticas de uso que escapam às estratégias do poder. Elas podem revelar um jogo de forças e violência, o que reproduz a dinâmica de estruturas sociais. O dia a dia no ambiente doméstico pode refletir as normas que regem a ordem social (Certeau, 1994, p.52).

Nesse sentido, a passagem mobiliza o contraste entre estratégias e táticas de narrar, eixo fundamental na prática do escritor sergipano na estrutura da narrativa: O contraste da agressão num lugar familiar, a casa. A situação nos faz pensar sobre como um lar, lugar que seria de proteção, servia de cenário para que a protagonista do conto fosse abusada várias vezes e tenha do seu algoz a falsa promessa de que o seu barraco ganharia uma latrina para que ela e sua mãe não fizessem mais suas "necessidades no mangue". Nesse sentido, Certeau e Bachelard convergem na ideia de que o espaço simbólico que deveria dar proteção, o lar, é corrompido pela prática de violência sexual que acomete a menina-narradora do conto, contrariando o que deveria ser um "reflexo da ordem social", pois Luana é vítima de sua condição de extrema pobreza que a deixa vulnerável aos abusos que sofre.

O espaço como condenação, desejo e denúncia: entre lama e latrina

Em "Barba de arame", a espacialidade não serve como mera moldura para a ação, mas assume papel de protagonista ontológica, determinando o que é possível aos corpos e aos sonhos dos personagens. Logo nas primeiras páginas, o espaço do mangue emerge como matriz da miséria, animalização e sofrimento extremo: "Estava ficando uma mocinha e tinha vergonha de cagar no descampado com os pés quase dentro da água podre, de fazer todas as necessidades assim em campo aberto, correndo quando via alguém, como



naquela manhã quando ele a viu mijando na beira do mangue" (p.40). A narração não permite ao leitor recuar: a sujeição da menina é também sujeição da linguagem, que nomeia excremento, vergonha e busca de refúgio, explicitando a simbiose entre corpo e espaço.

A miséria espacial é duplicada por um horizonte de desejo igualmente elementar: "Ela queria uma latrina, a coisa que mais queria na vida, ela e sua mãe, que vivia pelo mundo da maré para arrumar comida pras duas" (p.40). O desejo da latrina se impõe como questão existencial: não se trata de simples cômodo, mas de acesso a humanidade mínima. Como destaca Georgina Martins, "a vergonha de urinar e defecar em campo aberto configura-se em um dos poucos sentimentos capazes de impedi-la de ser reduzida à condição de animal irracional; sentimento que, contraditoriamente, a obriga a usar seu corpo como moeda de troca para realizar o seu mais genuíno desejo". O mangue, com seus "restos do monturo humano" (citando Josué de Castro em Martins), é mais do que paisagem: é condição determinante de subjetividades fracassadas e corpos esgarçados, onde "urina, fezes, sangue e sêmen misturam-se à matéria orgânica do mangue não para gerar outras vidas, mas para degradar as que viviam por ali". Esse espaço – ou sua ausência enquanto abrigo íntimo – priva a menina até do direito à imaginação, pois "sonhava com o presente, imaginava que bom mesmo seria construí-lo dentro de casa, para imediatamente se dar conta de que não poderia realizar esse sonho, em função da precária estrutura do barraco onde morava; incapaz até mesmo de sustentar uma mísera latrina" (p.41). Citando várias vezes a precariedade estrutural – "Casa mesmo, não, nem telhado tinha" (p.41) – o narrador elege o espaço enquanto cifra da condenação. Como Georgina observa, para além de Freud e Bachelard, que trabalham a infância como núcleo poético e beatificado, há aqui um "corpo sujo e esquálido, corrompido pela miséria,



incapaz de aguçar a nossa admiração narcísica". O espaço condena à infância em decomposição, à ausência de privacidade, à animalidade produzida socialmente.

O espaço fenomenológico impossível: poética da casa e o devaneio interdito

Se, na tradição bachelardiana, a casa e suas extensões (abrigos, canto, até mesmo latrina) são indispensáveis à formação do devaneio e da subjetividade, em "Barba de arame" a absoluta ausência desse espaço mina a possibilidade de uma infância mínima ou de um horizonte onírico. Diz Bachelard: "a casa é nosso canto do mundo. [...] Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. Por consequência, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores de onirismo consoante. Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente 'vivida', não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem-estar tem um passado. [...] A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz". Ocorre que à protagonista do conto, falta-lhe não só a casa, mas o menor recanto de devaneio – inclusive a latrina, meta final de seus desejos. Em vez do "abrigos de sonhos", há a impossibilidade crônica do devaneio: "Agora sempre que ia fazer as necessidades, pensava nele. Ficava ali acocorada imaginando como seria a sua latrina. [...] Sonhava com o presente, imaginava que bom mesmo seria construí-lo dentro de casa, para imediatamente se dar conta de que não poderia realizar esse sonho, em função da precária estrutura do barraco onde morava; incapaz até mesmo de sustentar uma mísera latrina" (p.41). A menina é interditada do direito ao onirismo, exilada do "primeiro universo" de Bachelard.



Ao invés da casa-torno, há a anti-casa: “mãe e filha viviam pelo mundo da maré para arrumar comida pras duas. Já não aguentava mais comer maçunin e caranguejo” (p.40). Como observa Georgina Martins, não há aqui escola, brinquedos, quartos; não há “qualquer signo que aproxime a infância de um rascunho de dignidade para a existência humana”. Falta o lugar, falta o rito de privacidade que tornaria possível ser gente. A menina só pode recitar “as rezas que a mãe lhe ensinara quando menina” para fazer as necessidades, artigo ritual que suplanta a ausência de espaço físico, como se coubesse à fantasia recobrir o desamparo radical. Bachelard, no entanto, adverte: “o passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes [...] Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano”. Privada até dessa base, a protagonista de “Barba de arame” habita a dispersão integral do espaço, sem nunca compactuar nem com memória, nem com pertença, nem com expectativa de futuro.

Espaço e violência: realismo contemporâneo como crítica estrutural

No campo crítico, a discussão sobre espaço em Viana dialoga diretamente com a tradição do realismo brasileiro e seu prolongamento violento na literatura recente. Em sua abordagem, Fábio Marques Mendes demonstra que o realismo contemporâneo – ainda que parta da tradição de exposição das fendas sociais e dos espaços degradados (cortiços, manguezais, subúrbios, etc.) – desloca o espaço da mera moldura da ação para seu próprio operador: “o novo Realismo literário brasileiro não estaria interessado em propor uma versão da realidade de maneira mecânica, exata



e definitiva. [...] a violência atua como espécie de força desmanteladora do real". No universo de Viana, a inexistência da latrina, da casa, da escola, da privacidade, constitui o próprio enredo da violência – que não se faz no ato isolado, mas no cotidiano ordinário. A protagonista do conto é exposta diariamente, não apenas à brutalidade sexual, mas também à "objetificação estrutural" em que toda hipótese de subjetividade, conforto ou proteção é interditada pelo não-espelho: "Casa mesmo, não, nem telhado tinha" (p.41); "Dera agora para fazer as necessidades rezando, as rezas que a mãe lhe ensinara quando menina" (p.42). O espaço adotado pela narrativa, assim, deixa de ser o fundo da ação para ser o próprio agente da dessubjetivação e da barbárie diária, como propõe Georgina Martins ao citar Josué de Castro e os "homens caranguejos": animais anfíbios sem privacidade, sem abrigos, sem símbolo. Mendes destaca que a literatura realista contemporânea abandona a "ideia documental ou imparcialidade supostamente objetivista do narrador onisciente" e expõe uma ambivalência: "representar as formas variadas de残酷, expressa na convivência simbólica entre civilização e barbárie [...] no trânsito literário por espaços de exclusão (como cortiços, favelas e casa de pensão)"

Em Viana, é o mangue o grande anti-abrigo: lamaçal físico e moral, onde se realiza a "experiência coletiva da privação" e suas consequências multigeracionais ("as rezas que a mãe lhe ensinara", o "animalismo herdado"). Não se trata apenas de retratar a miséria, mas de materializá-la como estrutura: o espaço "não apenas reflete a exclusão, mas a institui, a corporaliza e a impede de ser superada mesmo ao nível do devaneio". Na culminância do conto, quando a menina denuncia o agressor e é finalmente encaminhada à institucionalidade (delegacia, hospital), o roteiro da violência se repete, e o espaço público, tal como o privado, se mostra antiabriga: "Na sala fria para onde a levaram depois, mandaram que ela



subisse numa cama estreita e veio um doutor que futucou, futucou e nem falou em latrina" (p.46). Como sublinha Martins, "o maior desejo da menina é limitado pela situação de miséria, pela promiscuidade, pela falta de um mínimo de privacidade que a diferenciasse dos caranguejos que ela recolhia".

Infância, espaço e mito da casa: impasses do abrigo e negatividade radical

Ao dialogar com a tradição moderna da infância e o mito da casa enquanto núcleo formativo, os textos de Viana, Martins e Bachelard colocam em crise as bases da subjetividade e da cidadania. A protagonista de "Barba de arame", tal como Martins aponta, não ganha nunca a promoção à humanidade prometida pela tradição pedagógica europeia – nem por Locke, que legitimava "a instrução da folha em branco", nem por Rousseau, que via a infância como "flor a ser preservada" "Muito embora sejam crianças as personagens principais dos contos analisados aqui, nenhum de seus narradores faz menção a escolas, brinquedos, livros, ou qualquer outro signo que aproxime a infância de um rascunho de dignidade para a existência humana". A experiência do espaço é a própria experiência impossível da infância. O espaço que falta-a latrina nunca instalada, a casa sem telhado, a escola ausente–define assim "qual infância é possível viver; a infância da menina do mangue é condenação, nunca promessa". O não-lugar se converte em dispositivo de animalização radical, e todas as projeções bachelardianas da casa enquanto "abrigo de sonhos" se esmaecem: "para explicar, pela vida afora, nossa atração pela casa natal, o sonho é mais poderoso que o pensamento. São os poderes do inconsciente que fixam as lembranças mais distantes" ; todavia, no conto tudo o que se fixa é a ausência, a exposição, o fracasso.



Georgina Martins, referenciando Elias e Foucault, observa que “quando o conceito de infância desenvolveu-se, a sociedade começou a colecionar uma série de segredos que deveriam permanecer longe das crianças: as relações sexuais, a violência, a morte, o dinheiro, as doenças e os conflitos nas relações sociais. A criança precisou ser treinada para penetrar no mundo dos adultos, e isso foi feito através da escola e do livro”. No conto de Viana, não há segredos: tudo é exposição, tudo é espaço aberto, tudo é violência visível.

Bachelard, por sua vez, afirma: “A casa é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘atirado ao mundo’, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. [...] A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa” A personagem de Viana, impedida desse início, “permanece suspensa entre o humano e o animal, à espera de algo tão básico quanto uma latrina, espaço de pertencimento recusado pelo mundo à sua volta” O desfecho do conto e da análise não é de redenção: o espaço que faltou nunca se materializa, e a menina, tal como tantas outras crianças do universo de Viana, vê-se condenada a realidades e sonhos interditados, enquanto o espaço—ou sua ausência radical—perdura como condição central de exclusão, violência e alienação.

Conclusão

A análise do conto “Barba de Arame”, de Antônio Carlos Viana, à luz da obra *A Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard, e de outros referenciais teóricos contemporâneos, revelou a centralidade do espaço como elemento estruturante da subjetividade e da experiência das personagens. A ausência de um lugar protegido, como uma casa ou uma latrina, escancara a condição



de miséria e abandono social a que a personagem Luana está submetida. A espacialidade da narrativa, construída em torno do mangue, da casa abandonada, da falta de banheiro, é a expressão material da exclusão simbólica que permeia toda a sua existência. A partir da perspectiva fenomenológica de Bachelard, a casa é o lugar do sonho, da infância e da memória; na ausência dessa casa, o sujeito torna-se prisioneiro de espaços hostis, improvisados, onde não há acolhimento nem possibilidade de imaginação.

A leitura articulada com os autores aqui mencionados permitiu compreender que os espaços ocupados pela menina são produzidos por práticas corporais que revelam não apenas exclusão, mas também tentativa de sobrevivência e apropriação simbólica. O espaço praticado por Luana – seu trajeto até a casa abandonada, a defecação ao ar livre, o deslocamento silencioso – é o espaço do cotidiano reinventado com os poucos recursos disponíveis. Já Sonia Peixoto nos ajuda a perceber o corpo infantil como a última fronteira possível de habitação simbólica em meio ao colapso do espaço físico. O corpo de Luana é invadido, violado, mas também é o local onde ela ancora sua oração, sua tentativa de significar o que aconteceu, de suportar o que não pode ser dito.

A perspectiva freudiana sobre a formação reativa mostra que o afeto inaceitável pode ser invertido em seu oposto: a menina que reza para seu agressor talvez esteja tentando transformar o horror em devoção, a violência em cuidado, a ausência em presença. A oração não é perdão, mas sobrevivência. Trata-se de um gesto último de reorganização do caos. Viana, ao narrar essa experiência com extrema contenção e lirismo seco, entrega ao leitor um universo denso, onde a tragédia não grita, mas sussurra. Sua



literatura confia na inteligência e na sensibilidade do leitor para preencher os silêncios e dar corpo ao que está apenas sugerido.

Portanto, o conto do escritor sergipano constitui uma poderosa denúncia da desigualdade social, da violência sexual infantil e da negligência estrutural do Estado e da família. Mais do que isso, configura-se como uma reflexão poética sobre os modos de habitar o mundo quando todos os espaços foram negados. Viana constrói, com gestos mínimos, uma arquitetura do desamparo e da resistência. Ao trazer à cena uma menina que deseja apenas uma latrina, o autor mostra que a luta pelo espaço é também a luta pela dignidade humana. Com isso, sua obra ganha relevância não apenas estética, mas também política, ética e social. A literatura, nesse contexto, cumpre sua função maior: a de dar forma ao que é informe, de dizer o que é silenciado e de revelar o que se oculta nas margens da realidade aparente.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERREIRA, Maria Zilda. **Literatura e infância: a poética do menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MARTINS, Georgina Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, núm. 41, enero-junio, 2013, pp. 119-148 Universidade de Brasília Brasília, Brasil



MORICONI, Ítalo. "A escuta e a espera na prosa de Antônio Carlos Viana". In: **Revista Rascunho**, Curitiba, ago. 2016.

PEIXOTO, Sonia. "Infância e violência na literatura brasileira contemporânea". **Revista Estudos Literários**, v. 28, n. 1, p. 31–40, 2010.

SCHROEDER, Carlos Henrique. **Antônio Carlos Viana: a arte do conto**. In: VIANA, Antônio Carlos. *O meio do mundo*. 3. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2011. p. 7–10.

VIANA, Antônio Carlos. **Aberto está o inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Recebido em: 28/10/2025

Aprovado em: 19/12/2022